

Era Nova

Propriedade da Empresa da «Era Nova»

Comp. e imp. na tip. de F. Marinho — Barcelos

Redacção e administração:
Campo de S. José, 97

ADMINISTRADOR,

Manoel da Silva Matos

ASSINATURAS:
Trimestre (correio) 336—Semestre
372—Ano 1344—Avulso 303ANUNCIOS:
Cada linha 303—Repetição 202

Orgão do Partido Republicano Democrático

DIRECTOR E EDITOR—Antonio H. Marques d'Alzavedo

CONGRESSOS REGIONAES

A seriedade da maior parte das teses, apresentadas ao Congresso regional algarvio, veio mostrar a vantagem de se reunirem com frequencia assembleias d'essa natureza em diversos pontos do paiz, agitando e especialmente os grandes problemas da economia nacional. De facto, é verdadeiramente n'esses parlamentos locais que é possível debater, longe das agitações da politica partidaria, esterilizada e violenta, as mais das vezes, as questões que mais intimamente respeitam aos interesses primicias de cada região.

Ahi apparecem sempre competencias especializadas de toda a ordem, propondo alvitre, offerecendo indicações, dando, com saber e com intelligencia, a esplendida contribuição do seu esforço, para a mesma obra commum.

Depois, essas assembleias têm um caracter especial que as impõe á consideração do paiz: são calmas e são estudiosas; e como se effectuam nos proprios logares onde mais facilmente se definem e precisam as necessidades regionaes, é tambem mais pronta a indicação dos remedios a applicar aos males que se apresentam.

Dissémos que a economia nacional lucra e muito com esses congressos; seguramente que assim succede. E' nas localidades, onde a vida rustica ou industrial da região mais intensamente se sente, que é possível trocar impressões sobre o que mais convem á beneficenciação dos seus meios de trabalho e á riqueza que d'elle resulta.

O Congresso algarvio veio mostrar todas as vantagens que a frequente realisação d'essas assembleias nos pode trazer. De mais a mais, é sempre util estabelecer uma discriminação de trabalho; e, feita ella, mais facilmente se assegurará o aperfeiçoamento de toda a actividade dentro de cada ramo economico.

Nós temos descurado muito os problemas da economia nacional nos seus aspectos mais particularizados; e os nossos

legisladores, pode dizer-se que, na sua grande maioria, os des conhecem. No que mais de perto respeita á lavoura e a todas as industrias rurais a ella ligadas, bem como ás industrias artisticas de feição popular, e a todas as manifestações de actividade local, não temos procurado aperfeiçoar os meios de que dispomos; e, não raras vezes, deixamos entrar em aberta decadencia verdadeiras fontes de riqueza, que, trazendo-nos a fortuna, poderiam, ao mesmo tempo, servir tambem para autenticar feições dominantes dos nossos costumes e do nosso character.

Ora, os congressos das localidades prestam, sob este ponto de vista, serviços inestimaveis e valiosos; são profundamente reveladores das maiores necessidades nacionais. O ponto está em que na sua acção reparem os governos e o parlamento.

Ainda ha pouco, o sr. dr. Brito Camacho, chamando a attenção para uma tese importante, apresentada ao Congresso algarvio pelo illustre agronomo sr. Paula Nogueira, sobre o aproveitamento dos salgados do Algarve pela exploração do gado lanigero, fazia notar a necessidade de utilizarmos o exemplo alheio, não carecendo de inventar coisa alguma, pois que o estudo consciencioso das iniciativas estrangeiras, ser-nos-ia, sob esse ponto de vista, de grande vantagem, não só no aproveitamento dos terrenos salgados, mas em muitos outros casos, em que poderia sair largamente beneficiada a nossa pobre agricultura. E lembra ainda a proposito o illustre jornalista a deficiencia da nossa produção cerealifera nos dois ultimos annos, que nos collocaria na contingencia de não termos pão para comer, se porventura a Inglaterra não tivesse assegurado a liberdade dos mares, permitindo que, com o trigo, recebamos tambem a hulha, com que vamos alimentando a debil actividade das nossas industrias.

E, comtudo, o paiz, devidamente aproveitado nos seus recursos naturaes, é uma immensa mina de ouro. A hulha branca, que das nossas serras se despenha, é uma riqueza

sem nome. O ponto está em que saibamos aproveitá-la. Vamos lançando os olhos para estes problemas, que já vai sendo tempo, e não continuemos a desperdiçar a nossa actividade na indigna teia de intrigas da nossa politica. Lembremo-nos de que somos largamente tributarios do estrangeiro, até pelo pão que comemos. Façamos um ultimo esforço para sermos uteis a nós mesmos, e salvemos a dignidade nacional, acudindo aos nossos proprios interesses. Aprendamos a trabalhar, e não desaproveitemos a lição, tão util e tão nobre, que nos offerecem os congressos regionaes.

De «O Primeiro de Janeiro»

DESMASCARANDO OS CALUMNIADORES

A proposito do suicidio de Miguel Sotto Mayor, caso que se deu em Braga dias depois da intentona de 27 de agosto, os calumniadores espalharam a suspeita de que... teria sido assassinado. Mas vem o irmão do suicida, e, explicando em carta publicada nos jornaes as razões que tem para afirmar o suicidio, desmascara solemnemente os miseraveis calumniadores. Seguem as cartas que elucidam completamente o assunto:

Meu prezado amigo.—Tendo alguns jornais, nomeadamente a «Liberdade» do Porto, o «Paiz», a «Nação» e a «Vanguarda», de Lisboa, dado ultimamente largo pasto a calumnias que affectam pessoas que muito estimo, ácerca da lamentavel morte do ex.^{mo} sr. Miguel Sotto-Mayor, dada ha pouco no gabinete do governo civil deste distrito, apresso-lhe a enviar-lhe a adjunta carta que sobre o assunto me foi dirigida pelo irmão do falecido o ex.^{mo} sr. João Sotto-Mayor, cujo testemunho insuspeito a meu ver alguma coisa elucida e sufficientemente rebate as calumnias a que acima alludo. Preciso dizer-lhe que a publicação desta minha carta e da do ex.^{mo} sr. João Sotto-Mayor, são autorizadas.—Braga, 13

9 915.—Manoel Joaquim de Paiva, farmaceutico.

Meu caro amigo Paiva.—Em resposta á sua pergunta vou dar-lhe a minha opinião sobre o triste caso que se deu com o meu infeliz irmão Miguel. Não posso dizer-lhe qual o motivo que o levou a praticar o suicidio, mas estou plenamente convencido que foi elle por sua propria mão quem pôs termo á vida. Sujetei-me a assistir á autopsia feita no cadaver do meu infeliz irmão e por ella mais convencido fiquei do que acabo de dizer, visto ver que o tiro foi disparado no ceu da boca e com o cano da pistola encostado, pois em volta do furo estava tudo queimado com o fogo da polvora. Alem disto ouvia muitas vezes meu irmão dizer que um homem que desejasse pôr termo á vida instantaneamente o melhor sitio que tinha para o fazer era disparar um tiro na bôca, sitio precisamente onde elle o fez. Acho, pois, infame a campanha que alguns jornais tem feito sobre o assunto e garanto-lhe sob a minha palavra de honra que a minha opinião é que meu irmão não foi assassinado, mas sim que pôs termo á existencia por sua propria mão. Ainda sabendo eu que meu irmão tinha levado a pistola com que praticou o triste acto, pois logo que o caso se deu o proprio filho do falecido me disse que a tinha visto meter na cinta, não podia por principio algum admitir que elle achando-se armado se deixasse assassinar sem se defender. Ahi fica, pois, meu bom amigo, a expressão do meu pensamento. Disponha sempre do—Seu amigo dedicado e muito grato, João da Cunha Velho Sotto-Mayor,—Braga, 9-9-915.

E' o proprio irmão, o sr. João Sotto-Mayor, quem isto diz, com nobreza e com verdade. E diz bem.

Domingos de Figueiredo
ADVOGADO

Escriptorio: Rua Direita

A AGUA EM BARCELLOS

N'umas simples considerações que fiz a respeito da agua em Barcellos, dizia que não vinha da parte da antiga empresa das aguas, que não era pago, pedido ou inspirado por ella e dizia a verdade. Não julgou assim um jornal de Barcellos, cujo nome não cito, para que não perca nos leitores pela habilidade e decencia do articulista. Se o citasse, iria lê-lo quem assim o não faz, escandalisava-se, podendo ver vulnerados os futuros lucros do jornalsinho. Não escreve assim quem pretende esclarecer o publico, dizendo-lhe só verdades, e é preciso não esquecer a consideração que se deve aos leitores, e até ao adversario a delicadeza de que só usa a penna. Eu não sei se no caso presente, ha atenuantes. Nunca devemos perder de vista a psychologia do individuo, a educação, as taras ancestraes etc., para a justa apreciação da respectiva responsabilidade. Não precisa de metter Lombroso; pelo dedo se conhece o gigante. O seu vae a seu dono... Nunca foi argumento o insulto, nem convence o negar á priori. Tambem fiz notar, eu digo-o agora com todas as letras, que não quero saber de politica. Se cura d'ella o conceituado jornal que me abriu as portas, é com elle e está no seu direito, eu só tenho a agradecer a amabilidade do acolhimento, que nem todos dariam, á causa da justiça.

Aos demais conheço-os bem pelas amabilidades e curvaturas, em tempos que não vão longe, aos proprietarios da velha empresa. Contra a Camara nada me move nem d'ella alguma coisa afirmo gratuitamente, como escreve o destrambilhado articulista, com maus tratos da grammatica e d'um pequenino código que se faz decorar ás crianças e se lhes recommenda que nunca esqueçam.

Mas não tome a nuvem por Juno, nem faça juizos temerarios Snr. articulista, porque hade errar sempre o alvo.

Vamos porém ao caso com toda a pachorra e desapaixonadamente. A Camara resolvendo dar muita agua á villa, teve a delicadeza, de se entender antecipadamente com os proprietarios da antiga empresa das aguas, procurando saber se a municipalisação d'estas, com a su-

O enterro da Laura

Abrem-te a cova... e falam-me d'esperança!
Bradam-me: «o eterno sol! o eterno dia!...»
E eu vejo sobre ti, pobre creança,
Rolar, com som tremendo, a terra fria!...

Bem sei, bem sei que foste assassinada
Pela benigna mão dum Deus sublime...
Mas, se ele é Deus e eu verme, é tudo e eu nada,
Como queixar-me do espantoso crime?!

Posso acurvar-me á torva lei divina,
Sem adora-la, ante o Juiz austero;
Mas beijar essa mão que me fulmina
A mão que te esmagou... não sei, não quero!

Que mal fazias tu, filha inocente,
Ao magnanimo Deus, ao Deus augusto?
E ele, que é bom... matou-te lentamente
Deu-te um suplicio atroz... ele que é justo!

Já tres vezes da morte a vaga escura
Passara no meu lar,—negro recife;
E eis, outra vez, aberta a sepultura
Mudado o quinto berço em quarto esquite!

Nos arvoredos, nos beirões das casas,
Por toda a parte eu vejo os passarinhos,
E a mãe que exulta, e canta e bate as azas,
D'entorno aos fôfos, palpitantes ninhos!

Nadam mil vidas numa gota d'agua!
Do polen duma flor brotam mil flores!
E ao seio duma mãe dá-se esta magua?!
E ao coração dum pai dão-se estas dores?!

Dizem que vais viver eternamente;
Colher d'outros jardins a florea palma!...
E eu sinto apenas a letal serpente
A duvida, enroscada na minha alma!

Hei-de orar? Mas na sombra da consciencia,
Não me luzem, cá dentro, ignotos brilhos!...
Hei-de crer? Mas a mão da Providencia
Tem garras para mim... rouba-me os filhos!

Guilherme Braga

perveniente captação, para a a-
pregoada necessidade de consu-
mo, ficaria mais barata do que a
obra que está a fazer e nas con-
dições em que a faz? Dirá o ar-
ticulista defensor á outrance da
dita e se fôr pela afirmativa, res-
ponderei com o publico, que cum-
priu um dever: a Camara deve
procurar o bem dos municipes,
sobrecarregando-os o menos pos-
sível com dividas que tem de
pagar.

Então a agua da Camara ex-
cede em abundancia á da antiga
empresa? Sem duvida; são pro-
vas d'isso, o chafariz em frente
do tribunal, o do Campo da Fei-
ra, o do jardim, etc.

Tambem me informam, mas
com certeza mentiram, porque
agora todos mentem, que desde
o 1.º de Setembro a Camara for-
nece agua só a 75 assignantes,
parece que novos e que na mes-
ma força da estiagem, até agora,
a antiga empresa servia-a a per-
to de 300! Na sua intensa pro-
paganda, a Camara só conseguiu
esse numero d'assignantes, ou
não tem agua para mais? E co-
mo vamos a respeito da irriga-
ção das ruas? Será talvez trapa-
ça, ou não verá bem quem me
disse que é feita a regador? Bem
sei que responde que faltam as
mangueiras. Ellas virão quando
a agua chegar; ahí por Dezem-
bro, pouco mais ou menos. E on-
de ficam as assombrosas nascent-
es da agua camararia, que não
conheço bem? Terá as desconhe-
cidas origens de Nilo? A corren-
te não tem. O poço do Gaspar é
talvez o lago de onde salta em
cachão.

Quem quizer ouvir-lhe o ba-
rullo é ir escutal-a ao tombar no
deposito, onde fica em refens pa-
ra, a conta-gotas abastecer a vil-
la. Na verdade todos temos de
concordar, que se começa pelo
principio, na phrase d'um meu
velho professor; e que Roma e
Pavia não se fizeram n'um dia;
mas só dar muita agua á villa
quando o inverno a faz correr
por toda a parte não é precisa-
mente o euréka do sabio.

Mas então a obra da Camara
não é um grande melhoramente
para a terra? Era, sem duvida,
se não houvesse uma Empresa
que já fornecia agua á villa ou
se a Camara lhe tivesse feito no-
tar que a sua agua não bas-
tava ao consumo e esta se ne-
gasse a augmental-a.

E não a havia ou a Camara
chamou-lhe jamais a attenção
n'este sentido?

E quando, já que queria ter
a vaidade d'uma obra sua, para
gastar menos dinheiro, que o po-
vo tem de pagar, foi saber se a
aquisição das aguas antigas, com
o augmento necessario, ficaria
mais barata ou mais cara do que
a sua obra? Já vê que os muni-
cipes tem o direito de saber
d'isto e eu tambem o posso per-
guntar sem offender ninguem
nem ser indelicado.

Faça o mesmo nos seus es-
criptos para não escandalisar os
leitores nem os levar a juizes
desfavoraveis ao auctor. Foi só

para lhe dizer isto que me refe-
ri á escripta do não citado jor-
nal, porque a verdade do qua af-
firmo toda a gente, em Barcel-
los, a conhece.

E ao articulista por incompati-
bilidade de feitios e de proces-
sos d'escripta nunca mais res-
ponderei.

Um assignante

AGRICULTURA

A geadã nos batataes

Ninguem ignora o efeito al-
tamente prejudicial da geadã
nos batataes, damnificando-os
a tal ponto que muitas vezes
ficam destruidos; mas o que
muitos ignoram é o processo
facilimo de neutralisar o efeito
da geadã, pondo assim os ba-
tataes a salvo, como a experi-
encia nos tem repetidas vezes
comprovado.

Não é a geadã nociva em-
quanto se acha cristalisada;
só se torna perniciosã á plan-
ta quando se liquefaz ou der-
rete com o calor.

O gelo liquefeito produz en-
tão o seu efeito destruidor so-
bre as folhas e caule da plan-
ta, de maneira que, ao extin-
guir-se a humidade com o ca-
lor, vão aparecendo queima-
das as crescenças e rama da
planta.

Vamos, pois, indicar aos
nossos agricultores, jardineiros
e hortelões a maneira de
preservar os batataes, ou qual-
quer outra planta, da pernicio-
sa acção da geadã.

Examine-se todas as ma-
nhãs se o batatal tem geadã
e, tendo-a, em grande ou pe-

quena quantidade, borri-fe-se
com um regador toda a rama
da planta com agua de nas-
cente ou fonte, que é mais
quente, e não com agua re-
presada ou estagnada, que é
mais fria. A agua deita ime-
diatamente a geadã á terra,
ficando a rama livre e isenta
do damno.

A operação que deixamos
indicada deve fazer-se preci-
samente quando o sol despon-
tar no horisonte, para evitar
que a agua, que empregamos
como remedio, congele e se
torne contraproducente. É in-
dispensavel proceder á opera-
ção antes de nascer do sol e
de ter principiado o desgelo,
sem o que a planta apparecerá
mais ou menos queimada.

Quando aparece nublado,
antes de nascer o sol, borri-
fe-se o batatal, pois do con-
trario a queima é certa, pro-
duzida pela geadã.

Com seis ou oito regadores
d'agua pode tirar-se o gelo a
um batatal em que se tenham
empregado 20 litros de batata
em semente.

Isto mostra que a pessoa
que andar com o regador de-
ve seguir a rega sem demo-
rar nos passos, porque a ge-
adã cae de pronto.

Experimentem os nossos a-
gricultores, com a prudencia
e cuidado que aconselhamos,
e certificar-se-hão do magni-
fico resultado deste simples
preservativo.

Da «Encyclopedia das Familias»

Bernardino R. de Souza

Solicitador encartado

Campo da Feira, 57-BARCELOS

JANEIRO

Mãe, o lume está apagado.
A mãe olhou em volta com
um olhar desvairado.

A luz do luar que entrava
pelas frestas da porta, viu os
tres pequenos a um canto, jun-
to da lareira de cinzas apaga-
das.

Bateram á porta.

—Entre, disse ela.

E o Frio entrou. Tinha umas
grandes barbas escorregadias,
feitas dos limos dos rios, e os
cabelos eram flores de neve,
mais brancas que o luar.

Lozia-lhe nos labios roxos
um sorriso contraído, feito de
todos os terrores que a sua pai-
sagem tinha semeado. Batera
já a muitas portas e tinha en-
trado em muitas casas. E o luar
viu nessa noite muitos horro-
res e muitos corpos marmorisa-
dos.

O Frio chamou um dos pe-
quenos e achegou-o ao seio. E
a creança ficou imóvel.

A mãe olhava em redor com
um olhar de loucura.

—Mãe, já não ha pão no ar-
mario.

Os dois pequenos soluçavam.
E o murmúrio dos soluços
caiu no silencio como agua ge-
lada na pedra branca de um
tanque.

O Frio acalentava o pequeni-
to contando-lhe a balada das
nortadas cortantes.

Bateram á porta.

—Entrel disse a mãe.

E o Fome entrou. Era maci-
lenta e livida, como a luz dos
cirios na treva das egrejas. Pu-
xou um banco de pau e sen-
tou-se junto das creanças que
soluçavam baixinho.

Uma d'ellas pousou-lhe a ca-
beça no regaço, enquanto a ou-
tra se lhe encostava ao braço
descarnado.

E ficaram imóveis.

A mãe tinha no olhar uma fi-
xidez gelada.

Pela estrada, o luar escorria
como uma toalha d'agua.

Subito um clarão inundou to-
da a casa. Fóra sentiam-se ri-
sos.

Bateram á porta.

—Entrel Disse a mãe.

E a Caridade entrou. Trazia
a capa de misericordia a que
se acolhem todos os desgraça-
dos e os braços vergavam-lhe
ao peso de todo o que faz fugir
o Frio e a Fome.

E o Frio fundiu-se ao calor
da Caridade, e a Fome sumiu-
se como uma visão de horror.

As creancinhas adormeceram
nos braços da Caridade, com
os labios illuminados por um
sorriso de celeste alegria.

E a mãe, caindo de joelhos,
elevou para Deus o seu coração
cheio de agradecimento.

Bob.

SAPAJON

(De como um ju-
mento sagaz salva o
dono de um mau
passo).

Oscar Comettant reproduz
no seu famoso livro L'Hom-
me et les Bêtes uma narrativa
de Louis Noir nos Souvenirs
de la campagne d'Italie.

Trata-se de um burro cha-
mado Sapajon, e d'um zu-
avo cuja graça era Manitou,
ele, homem ignorante e sim-
ples, o animal esperto e ma-
nhozo, mas que, não obstan-
te, nunca pensou em abuzar
da sua superioridade sobre o
homem.

Fazia mil cabriolas mais ou
menos divertidas, consistindo
a de maior sensação em imi-
tar varios personagens nota-
veis da campanha, pondo-se
em pé e marchando assim
com facilidade ao som de um
tambor.

Em certo ensejo, ao sereno
as tropas atacadas por um es-
quadrão de ulanos, houve ne-
cessidade de formar quadrado
para manter a defeza.

O homem do burro e este
achavão-se bastante lonje pa-
ra que pudessem recolher-se
no interior do quadrado.

Necessario foi pois sujeita-
rem-se ao que viesse, e o que
veiu foi uma carga de ulanos
contra os dois infelizes a-
migos.

Mas o zuavo não se descon-
certou.

Provavelmente sem consci-
encia do que fazia saltou so-
bre Sapajon de sobre em pu-
nho gritando:

—A'vante!

O burro não fez mais que
levantar-se sobre as patas de
traz e pôr-se a caminhar com
entusiasmo em direcção aos ca-
valeiros que, aterrados sem
duvida com a attitude nunca
vista do animal e com o barulho
que ele fazia zurrando, se
puzérão apressadamente em
fuga, dando lugar assim a que
ambos se salvassem.

Luiz Leitão

Reportagem semanal

Zoologico

Esta villa está quasi transfor-
mada em publico jardim Zoologi-
co de porcos, galinhas, burros, va-
cas e diversos animaes miúdos
veem-se com frequencia assidua,
nas ruas e largos desta villa. A
primeira vista julgamos que
seria contra o codigo de postu-
ras, mas afinal, enganamo-nos
redondamente.

Ha toda a rasão para os con-
servar pelas ruas e largos a co-

merem o lixo e porcarias que nes-
ta villa existe, não ha nada como
a hygiene de Barcelos...

Professorado primario

Por ordem do sr. ministro
de instrucção, estão sendo ul-
timados pela repartição de
contabilidade do ministerio os
processos respeitantes ao pa-
gamento das differenças de
vencimento resultantes das

promoções de classe do professorado primario, que se encontravam em divida por falta de dotação orçamental. Tendo sido inscripta no orçamento approvedo para 1915-1916 a verba necessaria para occorrer á satisfação d'esses encargos, que ascendiam já a 40:000\$000 reis, deverá ainda dentro do mez corrente realisar-se o pagamento das quantias em divida.

Progressistas sem progresso

Não ha talvez em todo o nosso paiz, vila ou cidade, que pelo espaço de dez anos não tenha feito alguns progressos, menos Barcelos, e por que? Oxalá que isto se modifique que já não é sem tempo, nem sempre á *pari Alio*.

Excursão

Não podendo realisar-se no passado domingo, como estava anunciado, a excursão republicana a esta vila, por caso de força maior, ficou adiada.

Porque será?

Consta-nos que faltou a *agua* na Santa Casa que as torneiras nem ás gotas deitão!
Por que será?

Não ha abundancia que sempre dure, nem tão pouco escassez sem acabar.

O cháfariz do Campo da Republica tambem não deita, está sempre fechado, porque será? E *abundancia de agua?* Quando estiver a funcionar a rede para todos os quatrocentos assignantes veremos, quem terá *agua*.

Em suas casas, até ver não será tarde.

—Consta-nos que a camara elevou aos impostos. Depois de bem informados de tão asna percentagem diremos da nossa justiça.

Funebre estatística

Desde o começo das hostilidades até ao fim de julho ultimo o numero de navios afundados, capturados ou detidos era o seguinte:

Allemaes, 521; austriacos, 75; turcos, 56; inglezes, 476; francezes, russos e belgas, 82; e neutraes, 413. Total, 1628 navios, que deslocavam 3.188:858 toneladas.

Esse numero desde então augmentou até ao ponto de poder considerar-se de 3:000 o numero de vapores incursos nas condições acima citadas, representando mais de quatro milhões de toneladas.

Relogio municipal

Que será feito do relógio que foi arrematado para funcionar nos Paços do Concelho? Naturalmente foi para a guerra... mas parece que não.

Barcelos sem um relógio official!!! Por qual será regulada a hora para cumprimento da lei do descanso semanal? Ou para a applicação das *multas* aos açambarcadores em dias de mercado?

Tudo se remedia com projectos e o povo sempre á espera do dia que nunca chega.

O custo da guerra

O presidente do governo inglez, mr. Asquith, ao pedir ao parlamento um novo credito de 250 milhões de libras para as despesas da guerra, apresentou um relatório pelo qual se vê que essas despesas augmentam constantemente de uma maneira assustadora.

Em junho a media diaria das despesas foi de 2.700:000 libras; em julho foi de 3 milhões de libras por dia. Agora já está em 3 milhões e meio por dia e mr. Asquith foi prevenindo de que espera que a despesa chegue em breve a 5 milhões de libras em cada dia! Isto, está claro, só as despesas feitas pela Inglaterra.

Ao cambio medio actual 5 milhões de libras correspondem a 35:000 contos. E' isso que o monstro da guerra devora por dia só á Inglaterra.

Nos primeiros 13 mezes de guerra, só á Inglaterra gastou a fabulosa somma de 1:262 milhões de libras, ou seja uma coisa como 8.834:000 contos da nossa moeda!

Bando precatorio

Para as victimas das secas do Campo da Republica, deve-se efectuar brevemente um *bando precatorio* para socorrer as ainda com alguma vida e enterrar as mortas.

Chamam-se as victimas *arvores*...

Falecimentos

Com 93 annos faleceu em Barcelinhos a sr.^a D. Maria da Graça da Silva, viuva. Era avó do sr. José Alberto Martins, ajudante do escrivão sr. Baltazar.

—Está de luto o sr. José Gomes de Sousa, negociante, de Barcelinhos, pelo falecimento de seu tio, sr. José da Silva, em Vilar de Figos.

—Em Roriz finou-se a esposa do sr. Fernando Lamela, farmacêutico naquela freguezia, cunhada dos srs. Plácido Lamela, tesoureiro da Camara e farmacêutico em Barcelinhos e padre Bonifácio Lamela.

Os nossos pesames.

Pela sociedade

De visita ao sr. Manuel Joaquim Ferreira está aqui o sr. Joaquim Mendes, antigo negociante desta praça.

—Esteve nesta vila o sr. dr. Alberto d'Aguiar, lente de medicina da Universidade do Porto.

—Partiu no sabado para Lisboa o sr. dr. Miguel Fon-

seca, nosso dedicado amigo e prestigioso correligionario.

—Com sua esposa está nesta vila de visita a seus paes o sr. dr. Antonio Baltazar Pereira.

—Foram passar o dia de domingo á Povoá de Varzim os srs. José Casimiro Alves Monteiro, Manuel da Silva Matos, Agostinho José Moreira, Manuel Vieira d'Azevedo e esposa, José Joaquim da Silva, Avelino Ayres Duarte, Antonio Coelho da Cruz, Manuel Rodrigues da Cruz Lima, Antonio Gomes da Cunha Guimarães, Domingos José de Miranda.

—Naquela praia estão em uso de banhos os srs. João Vieira de Castro e esposa, Antonio da Costa Portela, e dr. José Ramos.

—Tambem ali se encontram com demora de poucos dias o sr. Domingos de Figueiredo e esposa.

—Regressaram da Apulia as familias da sr.^a D. Maria Rocha Beleza Ferraz, e dos srs. Conselheiro Sá Carneiro, João Maciel, João Carlos Coelho da Cruz, e Antonio Fernandes Correia.

—Está em Vila do Conde o sr. Arnaldo Vessadas Salazar.

—Esteve nesta vila o nosso querido director sr. Antonio Albino Marques de Azevedo, illustre administrador do concelho e commissario de policia de Braga.

—Vimos nesta vila o sr. Visconde da Barrosa, de Viana do Castelo, sogro do nosso presado amigo sr. dr. Teotonio da Fonseca.

—Esteve em Matosinhos o sr. Fernando de Miranda, coproprietario do Centro de Novidades.

—Regressou de Fafe o sr. Vital João de Sousa.

—Esteve aqui o nosso estimado patricio sr. Eugenio Roriz d'Azevedo, secretario de finanças na Povoá de Lanho-so.

—Com sua familia esteve em Viana do Castelo o respeitavel secretario de finanças deste concelho, sr. Julio Pereira Vieira.

—Vae a caminho do Rio de Janeiro o antigo negociante sr. Manoel Antonio da Silva Junior.

—Estiveram hontem na Povoá de Varzim os snrs. padre Manoel Vila Chã Esteves e Francisco Machado Carmona.

—Está em Coimbra, onde foi assistir ao congresso dos officiaes de justiça, o sr. Julio Mendes da Rocha Diniz, escrivão de direito d'esta comarca.

ACABA DE APARECER

O sonho das crianças

POR

Maria Pinto Figueirinhas

E' um livrinho de contos com uma linda capa e muitas gravuras. Eis o titulo dos 7 contos: «O talisman precioso». «O anel da Rainha». «O tear de ouro». «O castelo maravilhoso». «A Zaldinha». «A visão de um anjo». «O tocador de violão.»

Preço 10 centavos

ANNUNCIOS

Editos de 30 dias

2.^a publicação

Pelo juizo de direito d'esta comarca de Barcellos e cartorio do escrivão do quarto officio, Monteiro, correm editos de trinta dias a contar da segunda publicação d'este annuncio no «Diario do Governo», a citar José Rodrigues Torres, solteiro, de maior idade, auzente em parte incerta dos Estados Unidos do Brazil, para na qualidade de interessado no inventario orphanologico a

que se procede por obito de seu pae Luiz Rodrigues Torres, casado, que foi da freguezia de Santo Estevão de Bastuco, d'esta comarca e em que é inventariante a viuva Clemencia Gomes, da mesma freguezia, assistir a todos os termos do mesmo inventario, sem prejuizo do seu regulamento andamento.

Barcellos, 9 de agosto de 1915.

Verifiquei

O Juiz de Direito Monteiro

O escrivão ajudante do 1.^o officio Illydio Lopes

O CAPOTE ALEMTEJANO

FEITO EM EVORA na

CASA ALEMTEJANA

de Bernardo J. Naia

2—Rua João de Deus—6



E' o mais comodo e mais barato que se pode oferecer para os surs. viajantes; e o agasalho mais perfeito e completo que se pode usar contra o frio e chuva.

Todos os capotes d'esta casa só são feitos com fazendas especiaes e com ferros de lã sendo tudo molhado antes de se confeccionar o capote.

Tem bastante roda para viajar de cavalaria e são feitos sobre a direção de quem *verdadeiramente* ha muitos anos só deste assunto tem tratado. Aceita-se devolvido o capote que não fôr á vontade do freguez e envia-se com porte gratis o que fôr em troca do primeiro.

Enviem-se amostras na volta do correio a quem no-las pedir. Todos os pedidos podem ser dirigidos á CASA ALEMTEJANA de Bernardo J. Naia — Rua João de Deus, 2 a 6 — EVORA.

A TENTADORA

Nova Merceria e Papelaria

— DE —

Joaquim Vieira da Costa

Rua D. Antonio Barross, 64, 66

N'este estabelecimento, no seu genero, muito bem montado, encontra-se á venda, chá, café, arroz, assucar e bacalhau. Azeites e massas de superior qualidade.

Bolacha fina e bicoutos de Valongo e Povoá.

Preços sem competencia!
Visitem, pois, esta casa!

HISTORIA DA REPUBLICA

Por José Agostinho

Está publicado o 1.^o tomo desta obra que abrangerá os successos principais desde a proclamação da Republica em Portugal, até ao anno de 1915.

A obra constará de 15 tomos, ou sejam 3 volumes.

Cada tomo tem 64 paginas, custando 60 reis.

A Historia da Republica será feita com o mesmo critério, de independencia com que foi traçada a Historia de Portugal do mesmo autor. Sairão dois tomos por mês.

A assinatura está aberta nas principais livrarias do país. Livraria Figueirinhas, Rua dos Martires da Liberdade, 173—Porto

NOVIDADE SENSACIONAL

Rodolpho Matim

A CUERRA AEREA De Berlin a Bagdad

Tradução do capitão Moraes Rosa

1 volume de cerca de 250 paginas com uma capa allegorica a cores, preço 530.

PROVINCIA FRANCO DE PORTE

A' venda na «A EDITORA»—Largo do Conde Barão 50, Lisboa e em todas as livrarias.

PORTUGAL

IMPORTANTE COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade anonima de responsabilidade limitada. — Capital Esc. 1.600:000\$.

Agente em Barceios:

José Vieira Veloso

NOVO DICCIONARIO

DA

LINGUA PORTUGUESA

Redigido em harmonia com os modernos principios da sciencia da linghagem, e em que se contém quasi o dobro dos vocabulos até agora registados em todos os dictionarios portuguezes, além de satisfazer a todas as grafias legitimas, especialmente a que tem sido mais usual e aquella que foi prescripta oficialmente em 1911.

NOVA EDIÇÃO

Essencialmente refundida, corrigida e ampliada com registro de mais 20:000 vocabulos aproximadamente

A 2.ª edição do «NOVO DICCIONARIO DA LINGUA PORTUGUESA» consta de 2 grossos volumes de cerca de 1:000 paginas cada um

A' venda em todas as livrarias e na

LIVRARIA CLASSICA EDITORA

de M. Teixeira & Comandita

Praça dos Restauradores, 29 — LISBOA

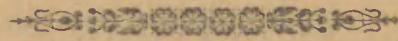
AS MULHERES DE BRONZE

Por Xavier de Montépin

Em publicação esta magnifica obra, composta de 2 pequenos volumes.

Concluida a sua publicação será distribuido um brinde a todos os assignantes, que constará de uma grande estampa colorida representando o Palácio de Crystal do Porto.

Assigna-se na casa editora Belem & C.ª Succesores—Rua do Marechal Saldanha, 16—Lisboa.



ESTÁ Á VENDA

Vinhos vinhas e prados

POR

A. Venancio Pacheco

Preço 600 reis.



NOVIDADE LITERARIA

NUN'ALVARES

e o snr. Dantas

Jonsura d'um «Cardeal diabo»

Resposta historica ás accusações feitas pelo snr. Julio Dantas ao Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, por AUGUSTO FORJAZ.

Um volume, illustrado, 520. Em todas as livrarias. Pedidos á Livraria Ferin, 70 Rua Nova do Almada, 74—Lisboa.

ACABA DE APARECER

A' RODA DE PORTUGAL

por José Agostinho

1 vol. de 470 paginas. Preço br. 50 centavos. enc. 70.

«A Roda de Portugal» constará de 2 vol. de 470 paginas cada um. Está publicado o 1.º volume que é uma obra encantadora. «O Primeiro de Janeiro», disse o seguinte:

«A Roda de Portugal» é um livro para artistas e um livro para patriotas, um livro para eruditos e um livro para o povo. A linda terra portugueza, com os seus monumentos e com as suas paisagens, com os seus heroes e com as suas glorias, respandece em cada pagina com um fulgor desusado entre nós, numa homenagem sobriamente romantizada, em que as personagens, fantasiadas dentro da maior verdade, vão derramando não só noções limpidas e rapidas sobre sciencias naturaes e principalmente sobre os melhores inventos modernos, como sobre higiene, educação civica, moral, etc.

Ao mesmo tempo, o leitor é empolgado, a cada passo, por brilhantes e enternecidas descrições, e por um estilo, em geral cristalino e simples, embora tambem frequentemente colorido com um vigor de inolvidavel originalidade.

O seu autor pensou-o e sentiu-o de toda a sua alma, compatriota e como artista, conseguindo oferecer nele talvez a sua verdadeira obra prima, e valorizado, como nenhuma, pela mais elevada devoção ao tradicionalismo nacional.»

O LIVRE PENSAMENTO

A E. de Victoria Pereira

JULGAR DEUS

TRABALHO D'ALTA TRANSCENDENCIA FILOSOFICA

A verdade, a razão e a sciencia esmagando os preconceitos biblicos e os dogmas absurdos das religiões que tem dominado o mundo e entravado o progresso.

A luz illuminando uma era nova, libertando o espirito da mulher e da criança da tutela nefasta dos jesuitas e das congregações religiosas.

Titulos dos capitulos:—Divagando—Onde principia e onde acaba Deus—A preocupação da humanidade—A Biblia, a Historia e a Filosofia—A terra segundo os sabios—Os crimes do Deus Biblico—O dilavio dos hebrons—A Biblia é o livro mais imoral que ha—Julgamento do Deus da Guerra—Eureckal-Jerichó—O Egito historico até ao exodo do povo de Moysés—Filosofando—Filosofando e continuando—Denses e religiões—Autos de fé, tormentos, morticínios e assassínios em nome do Deus cristão—A separação da igreja do Estado.

O livro é dedicado ao eminente homem d'Estado o illustre cidadão Dr. Afonso Costa, e é uma homenagem ao grande propagandista republicano Dr. Magalhães Lima, Grão-Mestre da Maçonaria Portugueza, á Maçonaria mundial e aos livres pensadores.

Um volume em 8.º, brochado e com os retratos dos personagens a quem é dedicado!!

Preço: 520, custo da edição. — A' venda em todas as livrarias.—Pedidos de assinaturas, revenda, ou grandes encomendas a Luiz Pereira—Jogo da Bola—Obidos.

A AGUIA

REVISTA MENSAL DE LITERATURA, ARTE, SCIENCIAS, FILOSOFIA E CRITICA SOCIAL

Director literario, Dr. Teixeira de Pascoais.—Director artistico, Antonio Carneiro.—Director scientifico, Dr. José de Magalhães.—Secretario da redacção, editor e administrador, Alvaro Pinto.

Correspondentes:—Paris, Philéas Lebesgue.—Salamanca, Miguel de Unamuno.

Propriedade de «A Renascença Portuguesa»

PREÇOS (Pagamento adiantado) Portugal, avniso 510 Semestre, 550. Ano, 1800 —Africa e India, 512; 530 e 1520.—Espanha, 60 ct.; 3 pesetas e 6 pesetas. — Estrangeiro, 60 ct.; 3 francos e 6 francos.—Brasil, 550, 6500 e 6500 (fracos).

PREÇO dos annuncios (por publicação) 1 pagina, na capa 4500. Além do texto, 3000. —1/2 pagina, 2520 e 1560. — 1/4 a pagina, 152 e 90

(Não se satisfazem os pedidos que não venham acompanhados da respectiva importancia. A cobrança é á custa do assinante.

DEPOSITARIOS—No Porto—Livraria Chardron de Lelo & Irmão, Carmelitas; Em Coimbra, F. Franca & Armenio Amado; Em Lisboa, Livraria Ferreira, Rua Aurea.

Á venda no Brasil nas seguintes cidades: Rio de Janeiro, Pará, Manaus, Pernambuco, Bahia e Santos; na Africa, em Loanda, Catumbella e Lourenço Marques; na India, em Nova Góa.

Redacção e administração—R. da Alegria, 218, Porto.

Tipografia—Costa Carregal, travessa Passos, Manuel, 27 Porto

Toda a colaboração é solicitada. Toda a correspondencia deve ser dirigida ao secretario da redacção.

TYPOGRAPHIA E ENCADERNAÇÃO

DE

FERNANDO MARINHO

Premiado com medalha de prata na Exposição Agricola e Industrial de Barcellos de 1903

RUA DO INFANTE D. HENRIQUE, 61 A 65 — BARCELLOS

Imprimem-se, com a maxima perfeição e rapidez, cartões de visita a 200, 240, 300, 360 e 400 reis o cento, bem como: rotulos a cores, circulares, facturas, envelopes, prospectos de varios formatos e gostos, programmas para festividades, jornaes, etc. Para cartões de visita manda-se mostruario de typos a casa do freguez.

Encaderna-se, com solidez e por preços baratissimos, toda a qualidade de livros desde a encadernação mais simples á mais luxuosa, não havendo n'esta villa competidor n'estes trabalhos. Livros de notas para tabellíes, em branco para commercio, contrarias e juntas de parochia, pastas, carteiras, etc., etc.